

SOCIOLOGIA E MEIO AMBIENTE: EXPLORANDO O OLHAR FOTOGRAFICO COM ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO NA EEB. LUIZ TRAMONTIN, FORQUILHINHA, SC.

Wagner Fonseca¹

INTRODUÇÃO

Esta atividade foi realizada no ano de 2015 com duas turmas de segundo ano do Ensino Médio noturno com o objetivo principal de apontar diferentes relações entre a sociedade e o meio ambiente a partir da leitura de subtemas propostos no livro didático utilizado em sala de aula. Em concomitância a este, objetivou-se o desenvolvimento de um conhecimento diversificado sobre a temática ambiental dentro do olhar sociológico a partir de uma metodologia simples que envolveu a leitura e interpretação do conteúdo didático para, a partir daí, direcionar o olhar dos estudantes à análise do espaço vivido, mesclando o conteúdo estudado e a fotografia como forma de apreensão e “construção de conhecimento da realidade a partir da imagem” (ALVES; SILVEIRA; 2008, p. 139).

O uso da fotografia e dos meios digitais oferecem amplas possibilidades para o trabalho relacionado à Educação Ambiental, caracterizando a atividade como forma de extrapolar os muros da escola, oferecendo aos alunos uma proposta diferenciada, que aliasse o conteúdo estudado com uma prática diversa das adotadas em sala de aula. Para além de uma aula meramente instrumental, entende-se que há a necessidade de se oferecer práticas diversificadas que proponham a participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Não se optou, contudo, por uma ‘aventura’ teórica no universo fotográfico, lembrando Roland Barthes (2012, p. 15), “uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos”, mas o que se buscou foi evidenciar a percepção dos alunos sobre o ambiente que os cerca.

Embora o contexto ambiental esteja presente no livro didático utilizado na disciplina de sociologia, o estudo das relações entre a sociedade e

¹ Mestrando em Educação do PPGE, Bolsista PROPEX. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Contato: wfmorales1984@hotmail.com.

o meio ambiente é prática recorrente em minhas aulas, independente do livro adotado para o decorrer do ano letivo. Proposto como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, de 1998, entendo que a análise da sociedade humana não foge das relações ambientais, por isso a proposta de levar os alunos a discutirem tais relações. Aproveitando a ocasião para esta empreitada, sair da sala de aula para buscar olhar-se para o ambiente a nossa volta compõe-se em atividade muito estimulante.

DO REFERENCIAL TEÓRICO À METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir da leitura de um capítulo do livro didático da disciplina de sociologia que reflete sobre as relações sociedade e meio ambiente. Trata-se do livro “Sociologia em movimento” (SILVA, et al 2013)², sendo o capítulo 15, “Sociedade e Meio Ambiente” localizado entre as páginas 364 e 390 o conteúdo que incitou-me à realização dessa atividade. Entre os subtemas discutidos no capítulo encontramos conceitos como preservacionismo, desenvolvimento sustentável, o protocolo de Kyoto, segurança alimentar, reforma agrária e outros. Em um primeiro momento o livro contextualiza o histórico da problemática ambiental para depois ampliar o debate para outras áreas da relação sociedade e meio ambiente, como os conceitos acima citados além de questões sociais e os impactos da modernização e transformação tecnológica.

Duas turmas de segundo ano do Ensino Médio estiveram envolvidas nesse projeto, aproximadamente quarenta e cinco alunos com idades entre quinze a dezoito anos. As atividades iniciaram-se em sala de aula com a leitura e discussão em grupo, sendo cada grupo responsável pela produção de um texto para debatermos em conjunto. Segundo Marcos Reigota (1994, p. 21), para iniciar-se uma atividade de educação ambiental é preciso primeiro conhecer “as concepções de meio ambiente das pessoas envolvidas na atividade”. Daí decorreu a primeira pergunta direcionada aos alunos e alunas: “O que é meio ambiente para você?”, como forma de estimular nossa

² Não se pretende aqui discutir os conceitos estabelecidos no livro ou a visão de meio ambiente demarcada pelos autores. Da mesma forma não procurou-se no corpo do artigo debater sobre

interação, embora o intuito direto não fosse focar nesse contexto e sim partir do conteúdo proposto no livro.

De fato, o que se tem de questionar vai além da simples ação de reciclar, reaproveitar, ou, ainda, reduzir o desperdício de recursos, estratégias que não fogem, por si, da lógica desenvolvimentista. É preciso apontar para outras relações sociais, outros modos de vida, ou seja, rediscutir os elementos que dão embasamento a essa lógica. (BRASIL, 1998, p. 178)

Não se tratou, sobretudo, de uma intervenção de cunho ecológico, embora o debate em sala de aula tenha por vezes se acalorado. A atividade proposta e colocada em prática estabeleceu por limite discutir-se as questões presentes no livro didático, inclusive ideias como sustentabilidade e, principalmente, a percepção de alunos e alunas sobre o seu meio circundante.

Uma vez realizada essa etapa da atividade, partimos para a realização da segunda etapa, a saída de campo, que envolveu um ‘passeio’ orientado pela praça central do município, uma reflexão sobre o rio Mãe Luzia, que atravessa o centro de Forquilha e uma caminhada até o Parque Ecológico São Francisco de Assis. Segundo Antunes, Oliveira e Soares (2012, p. 1) “esta atividade por ser realizada em ambientes naturais estimula a curiosidade dos alunos e proporciona uma aprendizagem mais significativa em virtude do professor ter disponível diversos recursos naturais”. Nosso objetivo era partir da teoria em sala de aula para a percepção direta das relações socioambientais, por isso utilizamo-nos da saída de campo. Para Telles et al, (2002, p. 31):

É no ambiente que se materializam as relações que os homens mantêm entre si e a natureza. Por isso, a característica fundamental da Educação Ambiental está no objeto de estudo – o Meio Ambiente, considerando-se seus aspectos físicos, químicos e biológicos, incorporando, também, toda uma rede de relações socioeconômicas, culturais, políticas, ecológicas, éticas e estéticas.

Ou seja, em uma prática de educação ambiental é, de certa forma, necessário estabelecer-se o contato reflexivo dos alunos e alunas com o meio circundante. Não basta apenas encher um quadro de conteúdos sem tecer

a sociologia ambiental, optando-se por se ater à atividade de educação ambiental realizada com os alunos e alunas.

relações mais diretas com o vivido. Para Humberto Maturana (1998, p. 29), “o educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca”, não sendo estabelecido unicamente em um lugar específico, como o espaço e o horário escolar, tanto é que a saída de campo ocorreu no período do sábado à tarde. Sair da sala de aula pode propiciar um momento novo ao aprendizado e à interação entre docente e discentes. Nesse sentido, continua Maturana (1998, p.29):

Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. A educação como “sistema educacional” configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar.

Estabelecer o contato com o vivido permite e exige um olhar diferenciado, por isso a transformação que precisa haver no olhar como também refletir sobre o espaço e o tempo em que se vive. Afinal, de que resultaria uma discussão em torno da temática ambiental se ficássemos apenas em teorizações distantes do *locus* de vivência diária dos alunos e alunas? A educação assim estabelecida, sem criatividade, não transforma, como nos recorda Paulo Freire, pois “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1982, p. 66). Transformar implica, então, um olhar diferenciado, reflexivo sobre o lugar que se vive. Daí a opção pela fotografia, visto que celulares hoje se configuram como máquinas fotográficas estando ao alcance de todos os alunos. Conforme Alves e Silveira (2008, p. 135), uma educação ambiental que se quer crítica não pode estar desligada do cotidiano e aponta para a “necessidade de uma atuação participativa de toda a sociedade quando se busca a solução dos problemas ambientais”. O ato de fotografar registra o momento presente, pois “a fotografia é documento da eternidade e está com ela comprometida” (MARTINS, 2009, p. 22), sendo o registro fotográfico dos alunos seu ‘relato’ documentado, sua percepção do ambiente. Pode-se dizer que o aluno e a aluna tornam-se, assim, autores do vivido.

Para a realização da atividade buscou-se dividi-la em três etapas, finalizando-se com a socialização das mesmas. Os passos seguidos para sua realização envolveram num primeiro momento a divisão da turma em três grandes grupos para leitura do conteúdo do livro didático e produção de um resumo com palavras-chaves ou mapa conceitual; no segundo momento houve a apresentação dos conceitos e temas expostos no livro e estudados pelos grupos na aula anterior, com discussão dos conceitos principais, sendo realizada em sala de aula com o professor. Por último realizamos uma *experimentação fotográfica* ao ar livre no centro do município para sensibilização ambiental sobre o Rio Mãe Luzia, com observação/fotografia e roda de conversa sobre a ponte e a passarela, seguida de uma “roda de bate-papo” na praça central e caminhada até o Parque Ecológico. A partir dessas atividades os alunos foram instigados a usar seu olhar pessoal para as relações socioambientais por meio da fotografia para posterior montagem de painel em grupo para exposição à comunidade escolar. Para Rosane Andrade (2002, p. 47), “quando mergulhamos profundamente em uma imagem percebemos que ali não existe um mero registro da realidade, mas sim uma cumplicidade do autor com o objeto fotografado”. Essa cumplicidade, autoria da imagem ‘congelada’ no registro fotográfico é o que engrandece o trabalho realizado: ensinar/aprender educação ambiental a partir do olhar do próprio sujeito que vivencia sua realidade.

DISCUTINDO OS RESULTADOS

Desde o início do trabalho as etapas descritas ocorreram da forma esperada e o envolvimento dos alunos demonstrou que a boa vontade no processo educativo dentro de uma escola sempre alcança seus objetivos. O primeiro momento foi simples, pode-se dizer, pois envolveu apenas a leitura do conteúdo do livro didático, porém, a partir da discussão realizada em grupos e depois da reflexão proporcionada com toda a sala de aula, o entendimento dos conceitos por parte dos alunos já não era mais o mesmo. Talvez a principal contribuição fora no sentido de entender o que é meio ambiente, pois, a princípio, o que alunos e alunas demonstraram foi uma noção de senso comum, do tipo que relaciona natureza e meio ambiente com alguma paisagem

bonita. Para além dessa percepção, “as paisagens são testemunhas mudas e tagarelas ao mesmo tempo, das dinâmicas advindas das relações sociais de apropriação, ocupação, utilização e transformação do espaço geográfico” (MATIAZZI; POUBEL, 2009, p. 2).

Partindo dessas conversas iniciais, começamos a debater outras possibilidades de se entender o meio ambiente. Exemplo flagrante da mudança de percepção ocorreu quando se discutiu o rio Mãe Luzia, pois alguns alunos simplesmente o desdenharam: viam-no apenas como um rio poluído. Entrementes, outros alunos chamaram a atenção ao fato de que “um rio é um rio”, mesmo poluído e, entre outras indagações, causou certa perplexidade o desconhecimento do rio em seu estado natural – não poluído – há algumas décadas. O filósofo francês Bachelard, destoando completamente das constatações dos alunos, via nos rios e nas águas muito mais do que elementos naturais, como confirma a passagem a seguir:

Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes. (BACHELARD, 2013, p. 9)

A facilidade como o cotidiano se encerra nas mentes mais jovens os leva, de certa forma, a estabelecer relações simplistas ou simplificadas da realidade, não percebendo que um elemento natural, o rio como exemplo, seja resultado também das ações humanas. A vida da cidade distancia o homem da natureza. Nas palavras de Samuel Branco (1991, p. 23), o homem urbano não se “comove com o canto dos pássaros, com o farfalhar das folhas ao vento, ou com o marulhar suave das águas nos regatos. Há muito que ele abandonou o contato com a natureza”.

Apreciando outros conceitos levantados em sala de aula a partir da leitura do livro, coube aos alunos identificar também as relações que envolvem o meio ambiente e a segurança alimentar. Mesmo não se localizando na zona rural do município, a escola recebe vários alunos das localidades rurais e o tema da alimentação causou um impacto maior ao relacionarem o uso exacerbado de agrotóxicos nas lavouras com doenças e os malefícios

ambientais. Se a proposta era compreender como as questões ambientais extrapolam o entendimento do meio ambiente – compreendido muitas vezes apenas como recurso ou floresta – o fato dos alunos perceberem os elos que ligam a sociedade e suas relações diárias se mostrou como um grande ponto para a atividade. Ou seja, partimos de um conhecimento que era comum a todos e a atividade nos levou, professor, alunos e alunas, a um novo saber. Inserem-se aí as palavras de Freire (2005, p. 29): “O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia”.

Outro ponto tão importante quanto o conhecimento envolvido foi a prática educativa fora da sala de aula e fora do horário, pois realizamos nossa saída a campo em um sábado a tarde de uma forma integradora. Envolver duas turmas de alunos num momento único de aprendizado é algo que desafia o estabelecido. No entanto não necessita de muitos recursos, visto que todos os alunos possuem, pelo menos, um celular com câmera. Justamente, por meio de seu olhar e suas lentes, registram o que julgaram ser mais pertinente ao conteúdo estudado.

CONCLUINDO, MAS NÃO FINALIZANDO...

A possibilidade de trabalhar um conteúdo fora da ‘normalidade’ da escola mostrou-se muito significativa tanto para mim, enquanto professor, quanto para os alunos. Não apenas realizaram fotografias e expuseram em painel, como também explicaram os motivos de as terem escolhido, visto que tiveram que escolher apenas duas entre tantas. Mais do que ver, foi preciso sentir, reaprender a ver para mostrar o que viam, libertar os seus olhares, como nos recorda Andrade (2002, p. 32) “ver com olhos livres é possuir um olhar estrangeiro, um olhar de espanto e uma vontade de conhecer” e conhecer para participar.

Realizar esta atividade foi uma demonstração da necessidade de tecer novos fios entre a educação e a escola, entre o espaço escolar e os espaços vividos no cotidiano para a compreensão do que comumente chamamos de crise ambiental. A posição do ser humano no centro da existência é ratificada pelo arcabouço cientificista-mecanicista e por uma razão

instrumental calcada no bojo também de um discurso liberal individualista, o que leva toda esta trajetória ao homem em primeiro plano relegando o mundo natural aos seus pés e à sua vontade (GUIMARÃES, 2005). Nesse sentido,

A escola tem um papel social muito importante, já que tem a possibilidade de formar indivíduos em sujeitos a partir de práticas democráticas, que desenvolvam o exercício da cidadania, da solidariedade, além de levá-los à tomada de consciência de sua função social (FERRAZ, 2010, p. 17)

Democratizar a escola significa também propiciar a participação direta e constante dos alunos e das alunas nos projetos elaborados, como foi esse caso. Sair da sala de aula, cobrar a responsabilidade do ato e discutir o projeto com os alunos imprime no processo educativo novos horizontes participativos. Embora seja uma prática que tenho realizado há alguns anos, pela primeira vez a fiz de forma mais sistemática e os alunos foram de grande importância nesse aspecto, demonstrando que, quando há participação desde o início, o aprendizado torna-se mais profundo. Perceber que o meio ambiente é mais do que um conceito, fruto de relações e percepções diversas, resume o resultado desta prática de educação com enfoque ambiental.

REFERÊNCIAS

ALVES, Josineide Vieira. SILVEIRA, Larissa Souza da. **O uso da fotografia na Educação Ambiental: tecendo considerações.** In: Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 3, n. 2 – pp.125-146, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pea/article/viewFile/30056/31943>. Acesso em 12 de junho de 2015.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora dentro.** São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ANTUNES, Michelle da Silva; OLIVEIRA, Daiane Krewer; SOARES, Briseidy Marchesan. **Saída de campo: atividade que possibilita explorar uma diversidade de conteúdos no meio ambiente.** Disponível em: http://www.santoangelo.uri.br/anais/ciecitec/2012/resumos/REL_EXP_PLENARIA/ple_exp23.pdf . Acesso em 16 de junho de 2016.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. [tradução Antônio de Pádua Danesi]. - São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BRANCO, Samuel Murgel. **Ecologia na cidade**. São Paulo: Moderna, 1991.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERRAZ, Jéssica Boaventura dos Santos. **Educação Ambiental emancipatória**: possibilidades em uma escola pública. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3702>. Acesso em 07 de janeiro de 2016.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. 2º ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Educação e mudança**. 28º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATIAZZI, Leonardo; POUBEL, Idelvon da Silva. **Educação Ambiental a partir da paisagem**: contribuições da geografia. In: 10º Encontro Nacional da Prática de Ensino de Geografia, Porto Alegre, 2009. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(26\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(26).pdf). Acesso em 20 de abril de 2016.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TELLES, M de Q.; ROCHA, M.B. da; PEDROSO, M. L. & MACHADO, S.M. de C. **Vivências integradas com o meio ambiente**. São Paulo: Sá Editora, 2002.

SILVA, Afrânio et al. **Sociologia em movimento**. 1º ed. São Paulo: Moderna, 2013.